

La Rochefoucauld

Reflexões ou sentenças
e máximas morais

Tradução e notas de
ROSA FREIRE D'AGUIAR



Copyright da seleção © 2014 by Penguin-Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Réflexions ou sentences et maximes morales

PREPARAÇÃO

Osvaldo Tagliavini Filho

ÍNDICE TEMÁTICO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

La Rochefoucauld, François de

Reflexões ou sentenças e máximas morais / La Rochefoucauld ; tradução de Rosa Freire D'Aguiar. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014

Título original: *Réflexions ou Sentences et maximes morales*.

ISBN 978-85-63560-87-2

1. Máximas francesas 1. Título.

14-00255

CDD-848

Índice para catálogo sistemático:

1. Máximas: Literatura francesa 848

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Do livreiro ao leitor [1678]	9
Reflexões morais	11
Máximas suprimidas	78
Máximas descartadas	91
Retrato de M.R.D. por ele mesmo	101
Índice temático	107

Reflexões morais

Nossas virtudes são apenas, no mais das vezes, vícios disfarçados.

1

O que consideramos virtudes costuma ser só um conjunto de ações e interesses diversos que o destino ou nosso engenho sabe arrumar; e nem sempre é por coragem e por castidate que os homens são corajosos e as mulheres são castas.

2

O amor-próprio é o maior de todos os aduladores.

3

Por mais descobertas que se haja feito no país do amor-próprio, ainda restam nele muitas terras incógnitas.

4

O amor-próprio é mais hábil que o homem mais hábil do mundo.

5

A duração de nossas paixões depende tanto de nós como a duração de nossa vida.

6

A paixão faz muitas vezes do homem mais hábil um louco, e hábeis os mais tolos.

7

Essas grandes e deslumbrantes ações que ofuscam os olhos são julgadas pelos políticos como efeitos de grandes propósitos, sendo em geral do temperamento e das paixões. Assim, a guerra de Augusto e de Antônio, que se atribui à ambição que tinham de se tornar senhores do mundo, talvez fosse apenas consequência do ciúme.

8

As paixões são os únicos oradores que sempre convencem. São uma arte da natureza de regras infalíveis; e o homem mais simples que tem paixão convence melhor do que o mais eloquente que não a tem.

9

As paixões têm uma injustiça e um interesse próprio que tornam perigoso segui-las, e devemos desconfiar delas mesmo quando parecem as mais racionais.

10

Há no coração humano uma geração perpétua de paixões, de modo que a ruína de uma é quase sempre o nascimento de outra.

11

As paixões costumam gerar outras que lhes são contrárias. A avareza produz às vezes a prodigalidade, e a prodigalidade a avareza; em geral somos firmes por fraqueza e audaciosos por timidez.

12

Por mais cuidado que tomemos em acobertar as paixões com as aparências de devoção e honra, elas sempre aparecem através desses véus.

13

Com mais impaciência nosso amor-próprio sofre a condenação de nossos gostos que de nossas opiniões.

14

Os homens não só estão sujeitos a perder a lembrança dos benefícios e das injúrias, como até odeiam os que os observaram e deixam de odiar os que os ultrajaram. O zelo em recompensar o bem, e vingar-se do mal, parece-lhes uma servidão a que lhes custa se submeter.

15

Em geral, a clemênciа dos príncipes não é senão uma política para conquistar a afeição dos povos.

16

Essa clemênciа que apresentamos como virtude se pratica ora por vaidade, às vezes por preguiça, muitas vezes por medo, e quase sempre pelas três razões juntas.

17

A moderação das pessoas felizes vem da calma que a boa fortuna confere a seus humores.

18

A moderação é o temor de cair na inveja e no desprezo que merecem os que se inebriam com sua felicidade; é uma vã ostentação da força de nosso espírito; enfim, a moderação dos homens em sua maior elevação é um desejo de parecerem maiores que seu destino.

19

Todos nós temos força suficiente para suportar os males do outro.

20

A constância dos sábios não é senão a arte de reprimir sua agitação no coração.

21

Os que condenamos ao suplício fingem às vezes uma constância e um desprezo pela morte que na verdade é apenas o medo de encará-la. De modo que se pode dizer que essa constância e esse desprezo são para seu espírito o que a venda é para seus olhos.

22

A filosofia facilmente vence os males passados e futuros. Mas os males presentes a vencem.

23

Poucos conhecem a morte. Em geral não a sofremos por resolução, mas por estupidez e por costume; e a maioria dos homens morre porque não pode deixar de morrer.

24

Quando os grandes homens se deixam abater pela extensão de seus infortúnios, fazem ver que só os suportavam pela força de sua ambição, e não pela de sua alma, e que, exceto por uma grande vaidade, os heróis são como os outros homens.

25

Precisamos de maiores virtudes para suportar a boa fortuna que a má.

26

Não podemos olhar fixamente nem o sol nem a morte.

27

Costumamos nos envaidecer das paixões, mesmo das mais criminosas; mas a inveja é uma paixão tímida e vergonhosa que jamais ousamos confessar.

28

O ciúme é de certa maneira justo e razoável pois só tende a conservar um bem que nos pertence ou pensamos nos pertencer; ao passo que a inveja é um furor que não consegue suportar o bem dos outros.

29

O mal que praticamos não nos atrai tanta perseguição e ódio como nossas boas qualidades.

30

Temos mais força que vontade; e muitas vezes é para nos desculparamos conosco que imaginamos serem as coisas impossíveis.

31

Se não tivéssemos defeitos, não teríamos tanto prazer em notá-los nos outros.

32

O ciúme alimenta-se de dúvidas, e torna-se fúria ou termina assim que se passa da dúvida à certeza.

33

O orgulho sempre se recompensa e nada perde, mesmo quando renuncia à vaidade.

34

Se não tivéssemos orgulho, não nos queixaríamos do orgulho dos outros.

35

O orgulho é igual em todos os homens, e só se diferencia no modo e nos meios de se manifestar.

36

Parece que a natureza, que tão sabiamente dispôs os órgãos de nosso corpo para fazer-nos felizes, também nos deu o orgulho para poupar-nos da dor de conhecer nossas imperfeições.

37

Mais participa o orgulho que a bondade nas advertências que fazemos aos que cometem erros; e os repreendemos não tanto para corrigi-los como para convencê-los de que deles estamos isentos.

38

Prometemos segundo nossas esperanças e cumprimos segundo nossos temores.

39

O interesse fala todas as línguas e representa todos os papéis, até o do desinteressado.

40

O interesse que cega a uns dá luz a outros.

41

Os que se aplicam demais nas pequenas coisas em geral tornam-se incapazes das grandes.

42

Não temos força suficiente para seguir toda a nossa razão.

43

Com frequência o homem pensa conduzir, quando é con-

duzido; e enquanto seu espírito o dirige a um objetivo, seu coração o arrasta insensivelmente a outro.

44

A força e a fraqueza do espírito estão mal denominadas; na verdade não são outra coisa além da boa ou má disposição dos órgãos do corpo.

45

O capricho de nosso humor ainda é mais estranho que o da fortuna.

46

O apego ou a indiferença dos filósofos pela vida era apenas um gosto de seu amor-próprio, e sobre ele não devemos discutir tanto quanto sobre a preferência do paladar ou a escolha das cores.

47

Nosso temperamento paga um preço a tudo o que nos vem do destino.

48

A felicidade está no gosto e não nas coisas; é por ter o que amamos que somos felizes, e não por ter o que os outros acham amável.

49

Nunca somos tão felizes nem tão infelizes quanto imaginamos.

50

Os que creem ter mérito se vangloriam de ser infelizes para convencer a si e aos outros de que são dignos de ser alvo do destino.